

Amanhã não é o dia do Trabalhador

NÃO, NÃO É O DIA DAS MULTIDÕES EXPLORADAS, DO POVO QUE PRODUZ EM BENEFÍCIO DA BURGUESIA PARASITÁRIA, DO OPERÁRIO CONSCIENTE DO SEU DIREITO À VIDA!
NÃO, AMANHÃ NÃO É O NOSSO DIA! NÃO É O DIA DOS LUTADORES DA CAUSA PROLETÁRIA.

DOS PROPAGANDISTAS DO IDEAL DE EMANCIPAÇÃO HUMANA!
AMANHÃ É O DIA DA BURGUESIA! AMANHÃ AS MULTIDÕES ENGANADAS POR AGITADORES COMISSIONADOS PELOS PARTIDOS POLÍTICOS VÃO ESCOLHER O "CHEFE SUPREMO

DO ESTADO", DO ÓRGÃO DE DEFEZA E RESISTÊNCIA DA SOCIEDADE BURGUESA, FUNDADO NA OPRESSÃO E NA EXPLORAÇÃO DO POVO TRABALHADOR! E ENTRE ESSES CANDIDATOS À "CHEFE SUPREMO" DO GOVERNO BURGUES, ENCONTRA-SE, TAMBÉM, O NOME DE UM BUR-

GUÊS, EXPLORADOR E LADRAVAZ, APRESENTADO. — IRONIA DOLOROSA DOS FATOS! — PELO PARTIDO QUE SE DIZ "DO PROLETARIADO E DO POVO!"
NÃO,
NÃO, AMANHÃ NÃO É O NOSSO DIA! MAS ESSE DIA NÃO TARDARÁ! E ESSE DIA, — O NOSSO

DIA, — SERÁ O DAS RETVINDICAÇÕES PROLETÁRIAS, O DA EMANCIPAÇÃO HUMANA, O DO ESTABELECIMENTO DE UMA NOVA SOCIEDADE, ONDE NÃO HAVERÁ MISÉRIA E RIQUEZA, RICOS E POBRES, EXPLORADOS E EXPLORADORES, OPRESSORES E OPRIMIDOS!

REMODELAÇÕES

Diretora-proprietária:
MARIA IEDA DE MORAIS

SEMANARIO DE ORIENTAÇÃO COMUNISTA LIBERTÁRIA

Redator-chefe:
MOACIR CAMINHA

NÚMERO VIII

RIO DE JANEIRO, 1 DE DEZEMBRO DE 1945

ANO I

PRIMAVERA de IDEIAS Princípios e fins do Comunismo Libertário

SOUZA PASSOS

JOSE OITICICA

Vale a pena lembrar agora, neste fim de guerra, quando ainda se encontram calcinadas pelos bombardeios aéreos as mais lindas cidades do mundo; quando as populações atingidas pelos horrores da carnificina brutal desencadeada pelo capitalismo erguem os braços descarnados, suplicantes, pedindo socorros urgentes para não morrerem de fome; quando alguns milhões de mutilados se arrastam mostrando os tocos de braços e frangalhos de pernas como prêmio da vitória, vale a pena lembrar, repetimos, velhos conceitos do pensamento libertário. Encontramos nas páginas de "Ideário", de Ricardo Mella, este trecho escrito em 1911:

"As ditaduras estão na própria essência do poder, e nenhum fruto diferente pode obter-se da mesma árvore. Até mesmo as massas populares, quando se apossam do Estado, se entregam frenéticas à ditadura. Não existe mais do que uma razão retilínea, um imperativo onipotente: a sua vontade soberana. Obrigar, forçar, impôr constitui toda a seiva da autoridade, seja quem for que a exerça, povo, indivíduo ou grupo de indivíduos. Acima dos mais belos propósitos, o determinismo das coisas conduz à exaltação do triunfador. Quando uma guerra estala, está fecundando outra guerra próxima. É a lógica do princípio de autoridade, do erro político que consiste em se crer que é necessária a instituição de um poder público. O poder, de cima ou de baixo, é fatalmente ditadura, despotismo, tirania. A simples dúvida é rebeldia; e a rebeldia se converte em acicute de todo abuso autoritário. Os aplausos se obtêm apenas até à véspera do triunfo. No dia seguinte, o rebelde adquire o conceito de presidente".

Não podemos fugir, como se vê, ao realismo dos fatos! O Estado, qualquer que seja a sua forma estrutural, não só é impotente para evitar as guerras, mas constitui a causa principal, senão a única, de todos os conflitos sociais. Isto vem a propósito da impressão que nos deixa a leitura dos jornais, em seu noticiário internacional, acerca dos problemas que se apresentam aos chefes de Estado de todos os países na atualidade, problemas de ordem moral, econômica, política e social, que se tornam mais complicados e difíceis de resolver quanto mais se acentua a evolução científica em todos os ramos do conhecimento. Estamos na era atômica, isto é, o homem atingiu à perfeição de captar a energia do próprio sistema do mundo, e conservamos, em contraste com o fatalismo científico, no terreno social, os mesmos conceitos das épocas pre-históricas: não sabemos viver senão como escravos. Escravos de medo, escravos das conveniências, escravos dos dogmas, escravos do amor, escravos do trabalho, escravos do poder, escravos de tudo, até de nós mesmos!

Ao terminar-se a primeira guerra mundial, que durante quatro anos fez esguichar sangue humano nos campos da Europa; que deixou filar intermináveis de cruces assinalando vidas mortas em substituição aos trigais maduros, aos milharais verdejantes, às pastagens alegres e às florestas palpitantes de vida e mistério, todos acreditavam que seria a última guerra. Fizeram crer aos povos inermes que o san-

que derramado, a viuvez e a orfandade deixadas pela guerra teriam como prêmio a paz futura, o direito e a justiça, a abundância e a garantia do amor e da liberdade. Todos se enganaram. Vinte anos depois, quando uma nova geração já reparava as perdas de vidas humanas ceifadas aos milhões; quando se abriam as esperanças dessa mocidade herdeira dos despojos da tremenda chacina, o capitalismo, a ambição de mando, o princípio de autoridade consubstanciados no fascismo, louro ou moreno, vindo das florestas negras das tribos germânicas ou dos bandos armados da Roma imperialista, afundou de novo, desta vez levado ao requinte de crueldade, o mundo em sangue. De novo os campos e os mares ficaram juncados de cadáveres. De novo se agitam tocos de braços mutilados e frangalhos humanos se arrastam nas ruas desoladas e sem vida.

Todos se enganaram, não: os anarquistas não se enganaram. Debalde as portas dos cárceres se abriam e cerravam para reduzi-los ao silêncio. Em vão se fizeram e fazem ouvir as marchas militares para confundir-lhes a canção da liberdade.

Apontados como inimigos da família, atirados aos calabouços, apodrecidos nos destellos, caluniados, os anarquistas sabiam que a humanidade caminhava às cegas, levada pela mão dos tiranos transformados em salvadores, para a única solução que o capitalismo encontra de resolver os problemas sociais: a guerra! Sabiam-no, não porque advinham, mas porque, habituados à análise dos fatos históricos, conhecem as causas que determinam todas as guerras. E agora, como há cem anos, ontem como hoje, os anarquistas reconhecem, amargurados na sua impotência, mas sonhadores e idealistas, que o panorama não mudou, porque não foram removidas as causas cujos efeitos a humanidade acaba de sofrer.

Mais uma noite medieval passou pelos destinos do mundo, mais uma vez as sereias da política cantam lãs à liberdade que surge, ainda ensanguentada e róta da réfrega, para dar ao povo a ilusão de que vai começar uma nova era de paz e de amor. E nesta primavera de idéias, neste florir da aurora boreal do futuro, os anarquistas desejariam enganar-se, dizendo que, sobre os cadáveres de milhões de seres humanos que tombaram; sobre a cinza quente dos corpos incinerados das vítimas dos campos de concentração nazistas; sobre a palidez das crianças famintas e sem teto, sobre os farrapos negros das viuvas, o choro das mães e o desespero das noivas; sobre os destroços, enfim, da guerra que acabou, o capitalismo arquiteta já, sãdicamente, criminosamente, o arcabouço de outras guerras.

Desejariam enganar-se, mas não se enganam. E não se enganam por uma razão muito simples: as raízes profundas da árvore que Sebastian Faure, com a lógica dos seus argumentos incontestáveis, estampou nas páginas de "A DOR UNIVERSAL" continuam a dar-lhe seiva. A ignorância, a superstição, as religiões, o imperialismo, o capital e os preconceitos sociais, dão vida ao princípio de autoridade incorporando a árvore do Estado, que nos dá os frutos que só pode dar: a miséria, a

I — Os homens se associam para garantir sua existência e reprodução, obter o máximo de felicidade, melhorar a espécie, física, mental e moralmente.

II — O máximo de felicidade de um depende do máximo de felicidade de todos.

III — Não correspondendo o regime social vigente a tais fins, achamos indispensável uma reorganização completa da sociedade.

IV — Só pela ciência se pode reorganizar a sociedade e manter-se com proveito.

V — Sociedade é a união instintiva dos homens para aproveitamento máximo das energias, visando a desenvolvimento máximo das energias humanas, com o mínimo de desperdício total.

VI — As energias humanas são de cinco espécies: física (corpo são), mental (inteligência), moral (vontade), prática (habilidade), social (solidariedade).

VII — É bem tudo quanto concorre para aumentar a energia útil ou evitar seu desperdício, e mal tudo quanto concorre para aumentar o desperdício de energias ou evitar o seu aproveitamento.

VIII — Um ato que acarreta desperdício de energias cósmicas será bom desde que aumente as energias humanas, principalmente a solidariedade.

IX — As energias cósmicas devem ser todas gratuitas como o sol e o ar. A terra, energia cósmica deve ser gratuita; condenamos, por isso, sua repartição em lotes passíveis de compra e venda.

X — O aproveitamento das energias cósmicas se faz pelo trabalho.

XI — Todo o indivíduo tem direito à porção de energia cósmica suficiente para manter-se com o maior conforto possível, enquanto viver, sem prejuízo do conforto alheio. Para isso, deve concorrer com o máximo de trabalho útil, exigido pela sociedade.

XII — Cada indivíduo deve trabalhar segundo as suas forças para receber segundo as suas necessidades.

XIII — É antissocial e, por isso, imoral a apropriação ou acumulação de energias por um ou mais indivíduos em detrimento dos demais. Condenamos, portanto, o regime da propriedade particular.

XIV — A propriedade particular nasceu do roubo a mão armada e se mantém pela violência dos possuidores sobre os não possuidores e pelo roubo dos grandes possuidores sobre os pequenos.

XV — O regime de apropriação e acumulação dos bens terrenos gera, naturalmente, a concorrência econômica.

XVI — Sendo a concorrência econômica a luta entre os homens para apreensão e gozo individual do máximo de energias úteis, produz extraordinário desperdício de energias, criando serviços supérfluos ou prejudiciais (reclamos, agentes, processos, tribunais, polícias, exércitos, esquadras, funcionárias, diplomatas e comerciantes).

XVII — Para manter esse regime os possuidores garantem sua posse por meio do Estado.

XVIII — O Estado, órgão sustentador da propriedade particular, baseia-se em leis impostas aos não possuidores ou aos pequenos possuidores.

XIX — A classe dos grandes possuidores, constitutiva do Estado, sempre criou para seus membros inúmeros privilégios que os eximiam das leis. Somente as contínuas revoltas dos não possuidores tem conseguido cercar tais privilégios.

XX — O Estado garante a execução das leis protetoras da propriedade particular por meio da violência (força armada). O Estado é, por isso, instituição antissocial e imoral.

XXI — O regime social da propriedade acumulável (capital) cria a agiotagem.

XXII — Agiota é todo aquele que tira sua subsistência, não de um trabalho produtivo da riqueza, mas de um ágio nos produtos dos trabalhadores. São agiotas todos os intermediários entre o trabalhador e o consumidor.

XXIII — Os consumidores que não produzem trabalho útil (soldados, tabeleiros, empregados em bancos, advogados, padres, etc.) embora não agiotas, concorrem para aumentar o ágio tomado pelos agiotas, porque são instrumentos deles, por eles pagos.

XXIV — Comunismo anárquico ou anarquia é o regime social sem agiotagem.

XXV — Sendo a moeda o instrumento da concorrência, não pode subsistir numa sociedade comunista.

XXVI — Todos os vícios humanos (fumo, alcoolismo, morfismo, jôgo, prostituição, cafetismo, etc.) originam-se da concorrência econômica, são por ela mantidos e garantidos pelo Estado.

XXVII — Todo indivíduo tem direito de expor seus pensamentos e crenças, associar-se para fins recreativos, científicos, artísticos ou religiosos, desde que se evite a agiotagem.

XXVIII — A educação deve obedecer à seguinte orientação psicológica: até os sete anos em geral, a criança educa as percepções; dos sete aos quatorze, apreende as noções; dos quatorze aos vinte e um, desenvolve o raciocínio. Deve haver pois, três

graus: elementar, primário e secundário.

XXIX — A educação profissional (energia de habilidade) acompanhará gradativamente a educação mental.

XXX — O ensino deve ser integral até os vinte anos e garantido para todos. Os indivíduos que revelarem vocações especiais deverão especializar-se em curso superior (medicina, engenharia, pedagogia, ciências puras, etc.).

XXXI — A educação comunista visa a desenvolver o mais possível a capacidade de energia de todos.

XXXII — A sociedade comunista visa a extinguir os prazeres prejudiciais facultando, a todos, os prazeres físicos, espirituais e morais verdadeiramente proveitosos.

XXXIII — A sociedade comunista, por meio de seus congressos científicos, visa a dar ordem às pesquisas científicas, feitas hoje sem orientação geral.

XXXIV — Reconhecendo prejudicialíssima à saúde e à moralidade a grande aglomeração de indivíduos, a sociedade comunista não admitirá cidades como as de hoje, criações do parasitismo explorador e da burocracia do Estado.

XXXV — O fim mais alto do comunismo é a elevação da plebe aos sentimentos e gostos aristocráticos, substituindo, assim, a democracia atual grosseira por uma aristocracia humana geral.

XXXVI — Sendo o sufrágio universal um processo de usurpação política da democracia, declaramo-lo prejudicial à renovação humana, repelindo qualquer plano revolucionário baseado nele.

XXXVII — Toda mulher deve ter o curso completo de pedagogia, destinar-se, ou não, a professora.

XXXVIII — O amor deve ser livre, como o pensamento e o trabalho, de qualquer tirania ou preconceito. Amor livre não quer dizer licencioso, mas liberdade; não é promiscuidade de sexos, mas liberdade de se unirem os sexos por afeição recíproca, sem medo de constituir família, pois a sociedade comunista garante a manutenção de todos as crianças.

XXXIX — Reconhecemos necessária e moral a prática da eugenia, para melhorar a espécie humana e evitar maior degenerescência.

XL — Proclamamos como ideal humano a monogamia e aceitamos como princípio moral a fidelidade dos esposos.

XLI — Condenamos, em princípio, o celibato, sendo entretanto livre a qualquer indivíduo conservar-se celibatário ou fazer votos religiosos de qualquer natureza, desde que não prejudique a outrem.

XLII — Só tem direito aos produtos sociais quem trabalha, salvo os naturalmente incapazes.

XLIII — Consideram-se incapazes de trabalho profissional os interditos, os menores de vinte e um anos, as mulheres nos três últimos meses de gestação e no parto, os velhos de mais de sessenta anos.

(continua na 2.ª pág.)

O terror falangista na Espanha

A ditadura franco-falangista é um perigo para a paz e a liberdade do mundo! Rompamos com o governo de Franco! -- Contra os fusilamentos! - Pela liberdade dos presos antifascistas! -- Solidariedade!

Por Manoel Peres

Documentos para a Historia

Verdades sobre a Guerra Espanhola

"Noticias de New York informam que a Secretaria de Estado tem em seu poder documentos importantes apreendidos na Italia e na Alemanha nos quais existem provas contundentes do apoio prestado ao "Caudilho" Franco pelas potências do Eixo...

Afirmam ao mesmo tempo que estes documentos serão dados a publicidade em momento oportuno sendo então possível uma ação conjunta contra o regime de Franco.

Ha 9 anos, desde Julho de 1936, que o Governo Republicano Espanhol, os partidos políticos, e as organizações proletárias vem denunciando ao mundo a participação direta que a Italia e a Alemanha tiveram na dolorosa tragedia que durante trez anos ensanguentou as terras generosas da Espanha.

E' lamentavel, que só agora, quando a Espanha está em ruínas, e quando mais de um milhão de espanhóis foram sacrificados pela brutalidade Franco-Falangista, os Governos Aliados procuram umas provas de ha muito conhecidas por todo o mundo civilizado...

Tastemunha circular que fui de aquela tragedia, continuo hoje a minha exposição sobre os crimes do Franquismo apresentando uma das suas provas muito conhecidas das Democracias da Europa, que com o seu silencio foram cúmplices directos de todos os crimes do fatidico caudilho.

Como nos tempos de Torquemada

"JUSTIÇA" NA ESPANHA FRANQUISTA

A QUEDA DA CATALUNHA

No dia 25 de janeiro de 1939, as hordas franquistas ocuparam a cidade de Barcelona, o baluarte mais sólido da resistência republicana.

Os combatentes da Zona Centro-Sul — entre os quais eu me encontrava naquele momento histórico para os destinos da Espanha — compreenderam com amargura, que a queda da grande cidade mediterrânea, e simultaneamente, a do resto da Catalunha, em poder dos inimigos da liberdade marcaria o prólogo de uma derrota fatal e inevitável.

Para que os leitores compreendam a situação crítica destes combatentes devo explicar-lhes o seguinte. O território espanhol está dividido em 50 províncias. Pois bem. Após a queda da Catalunha a zona controlada pelo exército republicano ficou reduzida a 9 províncias apenas, algumas delas incompletas, já que uma parte era dominada pelos franquistas. Estas províncias eram as seguintes: — Madrid, Valência, Murcia, Albacete, Almeria, Ciudad Real, Cuenca, Jaen e Guadalajara. Esta última ficou famosa pois, nela os Camisas Negras de Mussolini realizaram a corrida mais sensacional da sua vida militar, fugindo diante dos valentes milicianos espanhóis.

Nesta reduzida faixa de terra, os heróicos lutadores espanhóis ainda resistiram durante dois meses ao seu cruel inimigo, marcando uma página de glória e de heroísmo, pois não podemos esquecer que estavam isolados do mundo e só tinham saída para o mar aproveitando os portos de Cartagena, Valência, Alicante e Almeria, bloqueados também pela esquadra franquista e pelos submarinos do Eixo.

O ACÓRDO JORDANA-BERAC

O epilogo da guerra teve lugar no dia 28 de março de 1939, quando as hordas franquistas entraram na capital da Espanha. Devo recordar um acontecimento histórico desconhecido pela maioria do povo brasileiro. Trata-se do famoso acordo Jordana-Berac, assinado em Salamanca, dias antes do triunfo fascista.

A França, sentindo talvez remorsos pelo abandono em que deixara

o povo espanhol na sua luta pela liberdade, ao reconhecer o Governo do fatidico Franco, impôs ao tirano espanhol determinadas condições tendentes a tornar menos dolorosa a situação dos vencidos.

Para tal fim reuniram-se em Salamanca o Conde de Jornada, Ministro do Exterior de Franco, e o senador francês Leon Berac, representante do Governo presidido pelo Sr. Eduardo Daladier. As condições estabelecidas entre ambos os Governos foram as seguintes:

Primeira: — Em troca do reconhecimento do seu governo, Franco assumia o compromisso formal de não condenar nem executar nenhum espanhol pelo fato de haver empunhado as armas em defesa da legalidade republicana, exceptuando os delictos de caráter comum, tais como roubos, violações e assassinios.

Segundo: — Os dirigentes das organizações operárias, partidos políticos, como também os oficiais do exército republicano, teriam o direito de abandonar livremente o território espanhol caso não aceitassem o novo regimen político instaurado pelo General Franco.

Terceira: — O Governo francês poria à disposição dos combatentes espanhóis os navios necessários para efetuar a evacuação.

FRANCO NÃO CUMPRIU A SUA PALAVRA

No dia 29 de março de 1939, 25.000 combatentes espanhóis, entre eles grande número de mulheres e crianças, aguardavam no porto de Alicante os navios que os levariam para longe das terras generosas da Espanha, tão queridas para eles.

O dia foi intenso em emoções e a noite decorreu num ambiente de grande impaciência, pois nem um só navio chegou ao porto de Alicante. Na manhã do dia 30, recebemos as visitas dos consules da França, Argentina e Inglaterra, os quais afirmaram, categoricamente que seria permitida a nossa saída da Espanha.

Em contraste com estas afirmações às três horas da tarde entrou triunfalmente em Alicante a Divisão Italiana Littorio, sob o comando directo do Generalissimo Gambara, o qual, depois de ordenar o cerco do local onde estavam concentrados, apontando contra nós seus canhões e metralhadoras, fez hastear à entrada do porto, a bandeira nacional italiana!

Na manhã do dia 31, Gambara mandou chamar ao seu Quartel General a Comissão de Evacuação nomeada pelos combatentes republicanos, para manifestar-lhe o seguinte: — "Franco decidiu não permitir vossa saída da Espanha; por conseguinte, a partir deste momento sois prisioneiros do glorioso Caudilho!"

Com um gesto de covardia verdadeiramente suicida, a França de Daladier e a Inglaterra de Chamberlain permitiam o sacrificio de um punhado de bravos, que ao defenderem a sua liberdade, defendiam, também, a liberdade de todos os povos da Europa.

A História não os perdoará nunca!...

SALTEADORES...

As 4 horas da tarde recebemos ordem de abandonar o porto a caminho dos campos de concentração de Franco, escoltados por soldados espanhóis e italianos da Divisão Littorio.

Ao sairmos daquele lugar histórico, último baluarte da Espanha Republicana, vivemos momentos de verdadeiro terror. Soldados franquistas pertencentes ao Batalhão da Galiza, agrediam brutalmente os prisioneiros arrebatando-lhes os relógios, anéis, cigarreiras e até os próprios abrigos de couro que os protegiam contra o frio e a chuva. O espectáculo era tão repugnante que um capitão italiano da Divisão Littorio empunhou a sua pistola para defender uma pobre mulher a quem um soldado franquista agredia covardemente para arrancar-lhe do pulso o relógio-pulseira!

Recordo que um destes soldados

disse a um prisioneiro que protestou porque lhe arrebatou a caneta-tinteiro: "Callate rojo... Los objetos que os quitamos de nada os serviriam, porque os vamos a fusilar a todos".

OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DE FRANCO. ALBATERA!...

É muito difícil descrever com profunda realidade os horrores vividos nos campos de concentração de Franco, neles o homem perde a sua personalidade humana para ficar reduzido à triste condição de escravo.

Aos tormentos morais e físicos, já que os internados são obrigados pelo argumento cruel do chicote a dar vivas aos seus próprios tiranos, unem os carrascos o suplicio terrível da fome.

Os 18.000 homens que fomos enviados a Albatera — pois os outros 7.000 ficaram na Praça de Touros de Alicante — tínhamos como único alimento, cada 24 horas, e algumas vezes cada 48 horas, uma pequenina lata de sardinhas e 20 gramas de pão, pois um pão de 100 gramas era repartido entre 5 pessoas!

O Campo de Albatera, fortemente cercado com arame farpado e uma guarda de falangistas e soldados carlistas, com ordens severas de fusilar ao menor gesto de rebeldia, dispunha apenas, como único abrigo, de dois barracões imundos, nos quais apenas podiam acomodar-se umas 1.000 pessoas! Com esse espírito solidário que une os homens em momentos de dor, decidimos que os mesmos fossem reservados para os velhos e os enfermos.

No dia seguinte ao da nossa chegada, sofremos um segundo assalto dos saltadores franquistas. Falangistas armados de fuzis e seguidos de miútos que carregavam mantas abertas e caixotes, passaram revista em nossas malas, levando tudo que tinha algum valor. Dinheiro, roupas, calçados, aparelhos de fazer a barba, sabonetes. Em uma frase, deixaram-nos com a roupa do corpo!

FRANCO DÁ INÍCIO A SUA "OBRA DE JUSTIÇA"...

Terminado este roubo vergonhoso, as hordas falangistas, seguidas de espíões, que na maioria dos casos tinham atuado na Zona Republicana, iniciaram uma minuciosa investigação entre os prisioneiros, afim de descobrirem os que tinham atuado com maior destaque na luta contra o franquismo.

Pouco depois, enorme grupo de combatentes republicanos, algemados de dois em dois e escoltados pelos sicários da Falange, eram conduzidos para fora do Campo de Albatera, deixando entre os irmãos que lá ficaram a impressão dolorosa de que estavam perdidos para sempre.

Ainda recordo o nome de alguns desses mártires, alguns apenas, pois foram centenaes os que marcharam para a morte pagando com seu sangue generoso um tributo de amor à liberdade.

São eles: Navarro Ballesteros, director do jornal comunista "Mundo Obrero", de Valência; Etlvino Vega, último comandante militar de Alicante e membro do Partido Comunista Espanhol; Junco Toral, chefe da Agtupação de Exércitos de Extremadura, pertencente ao Partido Republicano; Rafael Henche, ultimo prefeito de Madrid, do Partido Socialista Espanhol; Manuel Perez Feliu, ultimo prefeito de Valência, membro da Confederação Nacional do Trabalho; Molina Conejero, governador civil de Valência, pertencente ao Partido Socialista; Carlos Rubiera, deputado socialista; Lorenzo Iñigo, secretário das Juventudes Libertárias da Espanha; e muitos outros que seria penoso enumerar e dos quais não tivemos mais noticias.

Franco cumpria fielmente o compromisso assumido com o governo francês e a França aceitava pacientemente o fato consumado... Que pensaria desta tragédia Daladier e Leon Blum, quando estavam prisioneiros de Petain na prisão de Riom?

FUZILAMENTOS SUMÁRIOS

"Franco!... Franco!... Franco!... "Arriba España!"

Aos 15 dias de permanência em Albatera, a situação dos prisioneiros era terrível em virtude da fome e das torturas a que eram submetidos. Os doentes, que eram centenaes, gemiam jogados sobre a lama, sem a menor assistência médica, devorados pela febre, tendo como único consolo as palavras carinhosas dos seus irmãos de sofrimento. A tragédia maior não tinha começado ainda.

Bruscamente a guarda Carlista foi substituída por batalhões de mouros escolhidos entre os que mais se tinham distinguido pela sua crueldade durante a guerra. Com a chegada destes monstros começaram os fusilamentos.

O pretexto invocado para estes assassinatos coletivos era sempre o mesmo: "Os prisioneiros tentaram fugir".

Diariamente chegavam de lugares distantes — pois o campo era bastante grande, já que servia de prisão a 18.000 homens — grupos de prisioneiros conduzidos pela mesma, que os apresentava ao oficial de guarda afirmando que os tinham surpreendido quando fugiam do acampamento. Para este caso, de acordo com as leis de Franco, a sentença era firme, não havia julgamento.

O mais terrível é que os 18.000 homens internados em Albatera, formados no campo, com o braço em alto, fazendo a saudação fascista, eram obrigados a assistir a execução de seus irmãos, e após a descarga, quando os cadáveres ensanguentados caíam sobre a lama daquele antro de torturas, os sicários falangistas gritavam triunfalmente. — Franco! Franco! Franco!... Arriba España!...

Eis aqui o primeiro episódio da tragédia dolorosa que vivem os nossos irmãos nas prisões e campos de concentração do fatidico Franco. A estas infâmias dão ironicamente o nome de Justiça...

O CALVARIO DOS ANTIFASCISTAS ESPANHÓIS

Das prisões da Gestapo para os campos de concentração da Inglaterra...

Na Inglaterra existem campos de concentração, e a maior vergonha não é que eles existam, e sim, que, nos mesmos, ao lado dos "S.S." e dos criminosos de guerra se encontrem internados homens que lutaram pela liberdade na Espanha e na França, e que após a hecatombe deste país, em 1940, foram enviados a Alemanha como prisioneiros de Hitler e obrigados a trabalhar como escravos, sob a vigilância da Gestapo.

Há nestes campos de concentra-

Representante de um deus fascista

S. S. o Papa solicitou clemência ao primeiro ministro italiano, Ferruccio Parri, a favor dos fascistas que estão a ser julgados em Itália, como "infames criminosos de guerra". S. S. Pio 12, que há poucos dias abençoou o General Franco, foi o mesmo que lançou a bênção aos exércitos de Mussolini, do "ateu", do "herético" Mussolini, ao partirem para Adis-Abeba, para a "cruzada" contra os abexins, um dos mais antigos povos cristãos. S. S. Pio 12 foi mesmo que lançou a bênção aos aviadores e demais "voluntários" italiano que foram a Espanha destruir Guernica, a cidade santa dos vascos, outro povo cristão, e chacinar o heroico povo da Espanha. S. S. Pio 12 jamais deu um "pio" a favor dos milhares de vítimas que cairam ante os pelotões assassinos do "caudilho" Franco. S. S. Pio 12, como legitimo representante dum deus fascista, está, pois, dentro da lógica, ao pedir clemência para os seus correligionários.

Manoel Peres

ção judeus que conseguiram sobreviver ao terror nazista e centenaes de combatentes espanhóis que em 1939, quando Franco instaurou o Regimen Fascista na Espanha, procuraram amparo na tradicional hospitalidade francesa.

Esses combatentes espanhóis lutaram ao lado dos seus irmãos franceses quando a grande nação latina foi invadida pelas hordas de Hitler, e quando a França foi vencida, muitos deles foram enviados a Alemanha, onde sofreram as maiores torturas.

Terminada a guerra, e ocupada a Alemanha pelos exércitos aliados, estes prisioneiros exultaram de alegria julgando ter chegado finalmente o momento supremo da libertação. Cruel ironia!... Os próprios libertadores transformaram-se em seus novos verdugos...

São tão péssimos os campos de concentração da Inglaterra, onde estes lutadores foram internados, e tão cruéis as privações e os maus tratos recebidos, que muitos deles apelaram para o suicidio como o único recurso para fugir a um calvário tão terrível.

Agustin Soler, conhecido militante proletario e herói da Guerra Espanhola, suicidou-se num destes campos, atirando-se de uma das janelas do imundo sótão que lhes servia de dormitório, outros procuraram por termo à existência empregando diversos procedimentos.

Sómente no campo onde Agustin Soler pôs termo à existência havia 219 ex-combatentes espanhóis: 119 pertencentes a U. G. T., 82 a G. N. T. e os restantes 18 a distintas organizações republicanas.

É possível que o Sr. Atlee, considere os 82 militantes da Confederação Nacional do Trabalho como seus adversários políticos, já que como libertários que são vão muito longe no seu amor à liberdade!...

Forem, os 119 da U. G. T. são socialistas, pertencem à mesma organização internacional que os Laboristas Ingleses, e se a palavra "Camarada" tem um valor positivo, deviam ser tratados como verdadeiros irmãos...

Onde estão os princípios democráticos pelos quais mais de 50 milhões de seres humanos perderam a existência?... A dignidade do próprio Partido Laborista exige que esses prisioneiros sejam postos em liberdade e cercados do carinho que merecem.

O contrário é prestar apoio incondicional ao Franquismo, o que equivale a colaborar directamente com o maior inimigo da causa democrática da qual o major Atlee se diz um dos maiores defensores...

Gréve de sufrágios em Portugal

As oposições políticas em Portugal, contra Salazar, constituídas pelas organizações de todas as tendências "monárquicas, republicanas, democratas e bolxevistas), resolveram partilhar a nossa tática, a tática abstencionista, anti-eleitoral, que nós, libertários, sempre e em toda a parte, pregámos e praticámos: declararam a gréve do sufrágio, não concorrendo às urnas. Não podemos deixar de confessar aqui, o nosso regozijo ante esta vitória do ponto-de-vista libertário.

Esta é a única atitude coerente das oposições contra um ditador. Que diferente, porém, a atitude dos bolxevistas portugueses das dos seus correligionários brasileiros, apascentados por Prestes! Enquanto os primeiros aconselham os seus partidários a não colaborar na farça das urnas, os segundos fazem uma descarada propaganda do candidato escolhido pelo ditador, acotovelando-se com os "queremistas" no arrebatamento da carneirada que haveria de levar ao Parlamento os futuros verdugos do povo.

Princípios e fins do comunismo libertario

(continuação da página anterior)

PREVISÕES PRÁTICAS

E' impossível, comprehendem todos, preestabelecer o que será, em todas as suas particularidades, a organização social comunista.

Todavia, podemos e devemos preestabelecer normas gerais, conceber o regimen ideal e o seu funcionamento, um fim a que tenderemos para realizar os princípios do comunismo.

Eis algumas dessas normas práticas: I — O território de cada país será dividido em zonas federadas, cada zona em municípios e cada município em comunas.

II — A divisão por zonas e municípios obedecerá, quanto possível, ao critério do ecúmeno geográfico, isto é, à feição particular de cada uma atente ao gênero de indústria explorável ou à distribuição das populações.

III — Em cada comuna os trabalhadores se reunirão em classes, conforme os seus ofícios, manuais ou intelectuais.

IV — Cada classe resolverá, nas suas assembleias, tudo quanto tocar aos serviços comunais de sua especialidade.

V — Para coordenação e direção dos serviços e para execução das medidas tomadas nas assembleias, haverá conselhos comunais, municipais, federais e um internacional.

VI — Cada classe de uma comuna escolherá um delegado para o conselho comunal; cada conselho comunal um delegado para o conselho municipal e cada conselho federal um delegado para o conselho internacional.

VII — O conselho comunal cuidará das relações da comuna, executando as resoluções das assembleias dirigindo a produção, transporte e distribuição dos produtos, o serviço de estatística, a conservação dos melhoramentos, direção do ensino primário e das artes, embelezamento, festas, correspondência, etc., etc. O conselho comunal se reunirá diariamente e será revezado por turnos semanais ou mensais.

VIII — O conselho municipal cuidará das relações entre as comunas, da troca dos produtos entre elas, do ensino secundário, da requisição e permuta dos trabalhadores, dos serviços intercomunais, etc., etc. Reunir-se-á uma vez por semana.

IX — O conselho federal cuidará das relações entre os municípios, do ensino superior e profissional, da formação de professores, dos trabalhos materiais importantes na zona que lhe couber, da instalação de usinas, fábricas, laboratórios, observatórios, estaleiros, etc., podendo requisitar os trabalhadores necessários, de acordo com os conselhos municipais e as assembleias comunais. Esse conselho se reunirá uma vez por mês e seus delegados se revezarão em turnos anuais.

X — O conselho internacional cuidará das relações entre os países, da armazenagem e distribuição dos produtos, da requisição e permuta de trabalhadores entre os países, da navegação internacional, dos grandes trabalhos de interesse universal, materiais, intelectuais ou artísticos, etc. Esse conselho funcionará permanentemente, revezando-se por turnos trienais.

XI — Os delegados não gozarão de nenhum privilégio, nem serão dispensados de seus serviços profissionais, senão quando suas funções de delegado lhes absorverem todo o tempo.

XII — Além dos conselhos, haverá

congressos municipais, federais e internacionais de classes, onde os representantes de cada classe discutirão os assuntos especiais de cada serviço. Por exemplo: o congresso de professores, composto de um representante, professor, de cada comuna no município, ou de cada município na federação, ou de cada federação no congresso internacional, discutirá as questões de educação e ensino.

XIII — Nesses congressos, serão apresentadas as invenções, os processos novos, os métodos, que, expostos pelos autores e discutidos, serão enviados às comissões técnicas para estudo e experiência, até adoção ou rejeição final.

XIV — O ensino superior e profissional será ministrado em universidades constituídas em comuna, onde se instalarão laboratórios, usinas, hospitais, escolas, etc., modelares.

XV — Os professores universitários de cada especialidade constituir-se-ão em comissão técnica para exame das novas invenções, processos científicos, métodos de ensino, exames de livros didáticos, etc.

XVI — Cada comuna terá serviço completo de assistência médica e dentária, com o respectivo hospital.

XVII — Nos lugares mais apropriados serão instituídos sanatórios modelares.

XVIII — As horas de trabalho em cada comuna serão reguladas pelas necessidades sociais, ficando o horário a cargo do conselho comunal.

XIX — Os trabalhos serão distribuídos em cada serviço, atendendo-se ao vigor físico e capacidade dos trabalhadores, cabendo às mulheres os mais leves.

XX — Os serviços repugnantes ou insalubres se farão por turnos entre os trabalhadores homens de cada comuna, sem exceção.

XXI — Os cargos de direção técnica em cada serviço serão confiados aos mais competentes a juízo dos próprios trabalhadores associados e não conferem nenhum privilégio.

XXII — Cada comuna adotará o seu regimen doméstico, podendo depois, por meio dos congressos, chegar-se a um sistema único, o mais prático possível.

XXIII — Nenhuma casa poderá ser habitada, nem nenhuma escola, fábrica, teatro, etc., instalados, sem consentimento da comissão técnica de higiene.

XXIV — Cada família ocupará uma casa independente, com bastante capacidade para todos os seus membros.

XXV — A construção das casas será fiscalizada pela comissão de arquitetos e higienistas.

XXVI — A construção de templos e confecção de petrechos para os cultos serão trabalho exclusivo dos crentes, fora do trabalho comum de produção.

XXVII — A formação dos sacerdotes de cada culto será também serviço extraordinário, a cargo dos crentes reunidos em irmandade ou confraria.

XXVIII — O casamento ou o desquite se fará por simples registro na sede do conselho comunal, podendo cada casal realizar as cerimônias religiosas que entender nas suas igrejas.

XXIX — Ninguém poderá eximir-se do trabalho produtivo sob pretexto de religião.

XXX — As federações entender-se-ão mutuamente para facultar o mais possível as viagens por toda a Terra e o estágio de estudantes em países diferentes para estudo prático das línguas e manejo da lingua internacion-

T U R F E

As corridas de hoje e de amanhã na Gavea

SEXTA-FEIRA
1.º Pareo — 1.600 metros — Às 14,10 horas — Cr\$ 20.000,00.

- 1-1 Gia, O. Ullóa 50
- 2-2 Tobruk, P. Simões 56
- 3-3 Juanchó, O. Reichel 56
- 4-4 Shanghai Kid, XX 54
- 5-5 Emissora, S. Camara 50
- 6-6 Chilito, E. Silva 52

2.º Pareo — 1.500 metros — Às 14,40 horas — Cr\$ 12.000,00.

- 1-1 Gurupé, I. Souza 58
- 2-2 Clícone, J. Martins 58
- 3-3 Beirão, D. Ferreira 58
- 4-4 Coral, O. Reichel 54
- 5-5 Estrela Cadente, A. Rosa 58
- 6-6 Patriota, L. Meszars 58

3.º Pareo — 1.400 metros — Às 15,10 horas — Cr\$ 15.000,00.

- 1-1 Arvoredo, O. Reichel 54
- 2-2 Chilique, J. Araujo 58
- 3-3 Cacique, A. Rosa 50
- 4-4 Fanfa, J. Mesquita 50
- 5-5 Caimão, O. Fernandes 54
- 6-6 Corsário, D. Ferreira 54
- 7-7 Dengo, J. Martins 58

4.º Pareo — 1.500 metros — Às 15,45 horas — Cr\$ 20.000,00.

- 1-1 Rataplán, D. Ferreira 54
- 2-2 Spilfite, L. Rigoni 54
- 3-3 Grilo, O. Ullóa 54
- 4-4 Miami, J. Mesquita 58
- 5-5 Mabel, E. Silva 58

5.º Pareo — 1.200 metros — Às 16,20 horas — Cr\$ 15.000,00 — "Betting".

- 1-1 Fantula, G. Costa 54
- 2-2 Tip Top, L. Meszars 56
- 3-3 Marciano, O. Coutinho 56
- 4-4 Distração, A. Rosa 54
- 5-5 Huasca, S. Batista 54
- 6-6 Avenca, A. Nery 54
- 7-7 Giruá, O. Reichel 54
- 8-8 Naípe, G. Costa 56
- 9-9 Severo, XX 56
- 10-10 Frota, L. Rigoni 54
- 11-11 Vatulin, E. Silva 56
- 12-12 Malemba, O. Fernandes 54

6.º Pareo — 1.600 metros — Às 16,55 horas — Cr\$ 15.000,00 — "Betting".

- 1-1 Exigente, O. Ullóa 58
- 2-2 Alvinópolis, A. C. Ribas 54
- 3-3 Demir, S. Batista 50
- 4-4 Rioli, J. Maia 54
- 5-5 Negramina, O. Macedo 48
- 6-6 Edro, D. Ferreira 54
- 7-7 Escorpion, A. Rosa 58
- 8-8 Cananéa, O. Reichel 48
- 9-9 Damará, XX 54
- 10-10 Espeto, A. Brito 54
- 11-11 Sagres, J. Mesquita 54
- 12-12 Dynazil, L. Rigoni 54

7.º Pareo — 1.800 metros — Às 17,30 horas — Cr\$ 12.000,00 — "Betting".

- 1-1 Sorpressiva, W. Cunha 53
- 2-2 Scharbel, J. P. Silva 48
- 3-3 Gentle Son, L. Leighton 51
- 4-4 Pepel, XX 48
- 5-5 Escocia, A. Rosa 51
- 6-6 Baccarat, J. Araujo 48
- 7-7 Britânico, E. Silva 56
- 8-8 Tronador, J. Portilho 56
- 9-9 Cháro, C. Brito 52
- 10-10 Tam Tam, L. Rigoni 53
- 11-11 Comarin, A. Conceição 58

8.º Pareo — 1.500 metros — Às 17,30 horas — Cr\$ 20.000,00.

- 1-1 Fariseu, Domingos 56
- 2-2 Razo, Rigoni 54
- 3-3 Infomada, C. Pereira 54
- 4-4 Fab, Maia 54
- 5-5 Holy Dancer, XX 54
- 6-6 Fantasia, Coelho 54
- 7-7 Hertz, Ribas 56
- 8-8 Hereja, Ullóa 54
- 9-9 Pareo — 1.800 metros — Às 14,10 horas — 4.ª prova especial do R. da E. llaão — Cr\$ 30.000,00.
- 1-1 Monte Carlo, R. Freitas 55
- 2-2 Giria, O. Reichel 53
- 3-3 Cruzeiro II, O. Fernandes 55
- 4-4 Cerro Claro, P. Simões 55
- 5-5 Sassiado, Maia 55

9.º Pareo — 1.400 metros — Às 14,40 horas — Cr\$ 15.000,00.

- 1-1 Guadiana, I. Souza 54
- 2-2 Aragonita, E. P. Coutinho 54
- 3-3 Diogo, G. Costa 56
- 4-4 Elala, S. Camara 54
- 5-5 Clarim, P. Simões 56
- 6-6 Flicka, D. Ferreira 54
- 7-7 Boninota, O. Reichel 54
- 8-8 Saltarela, R. Freitas 54
- 9-9 Cruzador, J. Martins 56

10.º Pareo — 1.200 metros — Às 15,10 horas — Cr\$ 15.000,00.

- 1-1 Garça, R. Freitas 58
- 2-2 Cacique, A. Rosa 58
- 3-3 Tamoyo, não corre 58
- 4-4 Dangan, D. Ferreira 58
- 5-5 Relincho, O. Coutinho 54
- 6-6 Tango, W. Andrade 58

6.º Pareo — 1.600 metros — Às 16,55 horas — Cr\$ 15.000,00 — "Betting".

- 7-7 Cigarra, I. Souza 58
- 8-8 Mascarado, A. Ribas 54
- 9-9 Maquis, C. Brito 58
- 10-10 Chiqui, XX 54
- 11-11 Julóca, XX 58
- 12-12 Balão Chocolate, J. Maia 54

6.º Pareo — Clássico Jockey Club Argentino — 2.400 metros — Às 15,45 horas — Cr\$ 50.000,00.

- 1-1 Malo, R. Freitas 56
- 2-2 Valipor, L. Rigoni 56
- 3-3 High Sheriff, duvidoso correr 55
- 4-4 Miralumo, G. Costa 58
- 5-5 Maracanan, O. Ullóa 55
- 6-6 Latigo, S. Batista 58
- 7-7 Irará, D. Ferreira 58
- 8-8 Parmilio, G. Costa 58

7.º Pareo — 1.200 metros — Às 16,20 horas — Cr\$ 20.000,00 — "Betting".

- 1-1 Gadir, J. Mesquita 54
- 2-2 Arigó, C. Brito 57
- 3-3 Rolante, J. Martins 55
- 4-4 Encorçado, D. Ferreira 54
- 5-5 Oidra, não corre 53
- 6-6 Guapeba, A. Barbosa 53
- 7-7 Peter Pan, XX 55
- 8-8 Igará II, O. Ullóa 53
- 9-9 Itai, L. Benitez 53
- 10-10 Salto, L. Rigoni 54
- 11-11 Acarape, J. Ferreira 53
- 12-12 Gravana, L. Leighton 53
- 13-13 Cruzeiro II, O. Fernandes 55
- 14-14 Caá-Puan, L. Meszars 55
- 15-15 Lula, O. Reichel 53

8.º Pareo — 1.600 metros — Às 16,55 horas — Cr\$ 12.000,00 — "Betting".

- 1-1 Milamores, Greme Jor. 56
- 2-2 Ladyship, O. Reichel 48
- 3-3 Granflauta, O. Ullóa 52
- 4-4 Crólulo, J. Portilho 50
- 5-5 Bolson, O. Rigoni 58
- 6-6 Micalubo, G. Costa 58
- 7-7 Estilote, R. Freitas 58
- 8-8 Goytacaz, C. Pereira 54
- 9-9 Gran Galero, J. Martins 58

9.º Pareo — 1.500 metros — Às 17,30 horas — Cr\$ 15.000,00 — "Betting".

- 1-1 Gardel, R. Freitas 52
- 2-2 Thalásu, J. Maia 48
- 3-3 Monin, A. C. Ribas 52
- 4-4 Yaguarazo, L. Rigoni 54
- 5-5 Madrillera, A. Rosa 50
- 6-6 Alachie, Greme Jor. 52
- 7-7 Relampago, S. Batista 48
- 8-8 Cuéra, O. Ullóa 56
- 9-9 Carbón, XX 49
- 10-10 Armonioso, J. Araujo 48

10.º Pareo — 1.400 metros — Às 14,40 horas — Cr\$ 15.000,00.

- 1-1 Guadiana, I. Souza 54
- 2-2 Aragonita, E. P. Coutinho 54
- 3-3 Diogo, G. Costa 56
- 4-4 Elala, S. Camara 54
- 5-5 Clarim, P. Simões 56
- 6-6 Flicka, D. Ferreira 54
- 7-7 Boninota, O. Reichel 54
- 8-8 Saltarela, R. Freitas 54
- 9-9 Cruzador, J. Martins 56

11.º Pareo — 1.200 metros — Às 15,10 horas — Cr\$ 15.000,00.

- 1-1 Garça, R. Freitas 58
- 2-2 Cacique, A. Rosa 58
- 3-3 Tamoyo, não corre 58
- 4-4 Dangan, D. Ferreira 58
- 5-5 Relincho, O. Coutinho 54
- 6-6 Tango, W. Andrade 58

- 7-7 Cigarra, I. Souza 58
- 8-8 Mascarado, A. Ribas 54
- 9-9 Maquis, C. Brito 58
- 10-10 Chiqui, XX 54
- 11-11 Julóca, XX 58
- 12-12 Balão Chocolate, J. Maia 54

6.º Pareo — Clássico Jockey Club Argentino — 2.400 metros — Às 15,45 horas — Cr\$ 50.000,00.

- 1-1 Malo, R. Freitas 56
- 2-2 Valipor, L. Rigoni 56
- 3-3 High Sheriff, duvidoso correr 55
- 4-4 Miralumo, G. Costa 58
- 5-5 Maracanan, O. Ullóa 55
- 6-6 Latigo, S. Batista 58
- 7-7 Irará, D. Ferreira 58
- 8-8 Parmilio, G. Costa 58

7.º Pareo — 1.200 metros — Às 16,20 horas — Cr\$ 20.000,00 — "Betting".

- 1-1 Gadir, J. Mesquita 54
- 2-2 Arigó, C. Brito 57
- 3-3 Rolante, J. Martins 55
- 4-4 Encorçado, D. Ferreira 54
- 5-5 Oidra, não corre 53
- 6-6 Guapeba, A. Barbosa 53
- 7-7 Peter Pan, XX 55
- 8-8 Igará II, O. Ullóa 53
- 9-9 Itai, L. Benitez 53
- 10-10 Salto, L. Rigoni 54
- 11-11 Acarape, J. Ferreira 53
- 12-12 Gravana, L. Leighton 53
- 13-13 Cruzeiro II, O. Fernandes 55
- 14-14 Caá-Puan, L. Meszars 55
- 15-15 Lula, O. Reichel 53

8.º Pareo — 1.600 metros — Às 16,55 horas — Cr\$ 12.000,00 — "Betting".

- 1-1 Milamores, Greme Jor. 56
- 2-2 Ladyship, O. Reichel 48
- 3-3 Granflauta, O. Ullóa 52
- 4-4 Crólulo, J. Portilho 50
- 5-5 Bolson, O. Rigoni 58
- 6-6 Micalubo, G. Costa 58
- 7-7 Estilote, R. Freitas 58
- 8-8 Goytacaz, C. Pereira 54
- 9-9 Gran Galero, J. Martins 58

9.º Pareo — 1.500 metros — Às 17,30 horas — Cr\$ 15.000,00 — "Betting".

- 1-1 Gardel, R. Freitas 52
- 2-2 Thalásu, J. Maia 48
- 3-3 Monin, A. C. Ribas 52
- 4-4 Yaguarazo, L. Rigoni 54
- 5-5 Madrillera, A. Rosa 50
- 6-6 Alachie, Greme Jor. 52
- 7-7 Relampago, S. Batista 48
- 8-8 Cuéra, O. Ullóa 56
- 9-9 Carbón, XX 49
- 10-10 Armonioso, J. Araujo 48

10.º Pareo — 1.400 metros — Às 14,40 horas — Cr\$ 15.000,00.

- 1-1 Guadiana, I. Souza 54
- 2-2 Aragonita, E. P. Coutinho 54
- 3-3 Diogo, G. Costa 56
- 4-4 Elala, S. Camara 54
- 5-5 Clarim, P. Simões 56
- 6-6 Flicka, D. Ferreira 54
- 7-7 Boninota, O. Reichel 54
- 8-8 Saltarela, R. Freitas 54
- 9-9 Cruzador, J. Martins 56

11.º Pareo — 1.200 metros — Às 15,10 horas — Cr\$ 15.000,00.

- 1-1 Garça, R. Freitas 58
- 2-2 Cacique, A. Rosa 58
- 3-3 Tamoyo, não corre 58
- 4-4 Dangan, D. Ferreira 58
- 5-5 Relincho, O. Coutinho 54
- 6-6 Tango, W. Andrade 58

Remodelações

SEMANÁRIO DE ORIENTAÇÃO

COMUNISTA LIBERTARIA

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Directora-proprietária:

Dra. Maria Léda de Moraes

Redactor-chefe:

Prof. Moacir Caminha

Número avulso Cr\$ 1,00

Assinatura Cr\$ 50,00

Ass. para os Estados Cr\$ 70,00

Redacção:

AV. RIO BRANCO, 245, 2.º and., sala 2

Telefone: 22-8897

Constroi-se Socialismo na U. R. S. S.?

E. LANTIEYVON (TRADUÇÃO, PREFÁCIO E NOTAS DE RAFAEL MALAGUERRA)

ninguém que eles vivem também, com grande fausto, em Capri, essa pequena ilha do golfo de Nápoles.

FUTER — Isso permite-me compreender o motivo por que há cada vez mais escritores não soviéticos que exprimem a sua simpatia pelo regime de Estaline. As suas obras são traduzidas no russo e as editoriais do Estado pagam-lhes os correspondentes direitos de autor (5)

RUPER — Não pretendo negar esses factos, mas protesto contra a maneira

FUTER — Está equivocado. Se assim fôsse, se apenas se tratasse de proporcionar trabalho aos especialistas, pelo me-

a cultura e a ciência...

(5) As negociações, para tal efeito, entre aqueles editoriais e os escritores não russos estabelecem-se por intermédio dum organismo designado vulgarmente pelas iniciais V. O. K. S. como vocês os interpretam. Com a concessão de vantagens aos escritores e aos homens de ciência não deseja o Estado proletário outra coisa senão impulsionar

nos depois da morte não se estabeleceriam diferenças entre o cadáver deste e o dum simples trabalhador. Pois não sucede assim, como ides ver: morreu Lunatcharsky (6) em França, onde passava uma temporada de descanso numa aristocrática estância termal; morreu também, Paris, o embaixador soviético Dovgalevsky. Pois bem, ambos os cadáveres foram transportados para Moscovo e ali sepultados, com grande pompa. Não é isto sinal característico de que, além do culto dos mortos, tão combatido pelos materialistas, na Rússia se con-

Eis o esboço de uma constituição comunista. Há de ser forçosamente incompleta. Peço aos camaradas que em torno desse esboço travem discussões e sugiram outras idéias essenciais.

RUPER — Essa carta é dum "branco", dum contra-revolucionário!... Conheces o individuo que escreveu tão monstruosas calúnias?...

FUTER — Não, não o conheço... E confesso que se não tivesse em meu poder dezenas de cartas semelhantes, e se

nova espécie tratam o povo com maior cinismo e dureza que os velhos aristocratas dos tempos do tsar. Atesta a minha afirmação este trecho dum camarada da U. R. S. S., que recebi não há muito tempo:

"...Camaradas! E' para nós uma grande vergonha elogiar o maldito tempo do tsar, contra o qual combatemos, derramando o nosso sangue. Por isso os nossos corações estalam de indignação, quando vemos que os nossos actuais governantes — chacais pelédem sufocar, matar todo o pensamento vivo, toda a tendência a duvidar da sua divindade, enquanto eles fazem o possível para melhorar o seu próprio bem-estar, por meio dum terror cruel e bestial..."

RUPER — Essa carta é dum "branco", dum contra-revolucionário!... Conheces o individuo que escreveu tão monstruosas calúnias?...

FUTER — Não, não o conheço... E confesso que se não tivesse em meu poder dezenas de cartas semelhantes, e se

nova espécie tratam o povo com maior cinismo e dureza que os velhos aristocratas dos tempos do tsar. Atesta a minha afirmação este trecho dum camarada da U. R. S. S., que recebi não há muito tempo:

"...Camaradas! E' para nós uma grande vergonha elogiar o maldito tempo do tsar, contra o qual combatemos, derramando o nosso sangue. Por isso os nossos corações estalam de indignação, quando vemos que os nossos actuais governantes — chacais pelédem sufocar, matar todo o pensamento vivo, toda a tendência a duvidar da sua divindade, enquanto eles fazem o possível para melhorar o seu próprio bem-estar, por meio dum terror cruel e bestial..."

(7) Granja "socialista" (N. T.) minam. Dão a isto os nomes de "choque socialista", "emulação", etc. Mas, na realidade, o que isto é é uma batalha bestial de famintos por uma migalha de pão, de açúcar, etc... (8)

dos em campos de concentração e presídios trabalham sem remuneração; na qualidade de sentenciados por diversos "crimes" insignificantes. Foram eles que abriram os canais Báltico — Mar Branco, Volga — Moscovo e Volga — Donão,

não tivesse ouvido da boca de Iver e doutros camaradas fidedignos, que viveram largos anos na Rússia e de lá voltaram completamente decepcionados, coisas que confirmam plenamente o conteúdo das referidas cartas, acreditaria também, como tu, que a carta de que li um trecho fôra escrita por um contra-revolucionário. Infelizmente, porém, ela diz a verdade, e rogá-te que ouças, sem te excitar, a leitura desta outra longa e comovedora carta, que eu quizeria poder ler-vos integralmente:

"...No nosso país tudo se baseia no terror e na mentira. Os camponeses queriam a terra e receberam a vassalagem dos "kolkoses" (7). Faz-se a alarde resistência de desempregados, mas isto significa que milhões de homens inclui-

(7) Granja "socialista

A emancipação do trabalhador deve ser obra do próprio trabalhador e não "dada" por presidente da república, ou deputado...

REMODELAÇÕES

DAR 1 CRUZEIRO POR UM EXEMPLAR DE REMODELAÇÕES SIGNIFICA AUXÍLIO-LA.
REMODELAÇÕES É UM JORNAL DE PROLETÁRIOS. NÃO TEM CAPITAL. NÃO CONTA COM VERBAS SECRETAS... NÃO RECEBE SUBVENÇÕES DA "BURGUEZIA PROGRESSISTA"...
DAÍ REMODELAÇÕES PRECISAR DO AUXÍLIO DOS QUE O LEEM, DESSE CRUZEIRO POR EXEMPLAR.
PREÇO DE EXEMPLAR: CRS 1.00.

NÚMERO VIII

RIO DE JANEIRO, 1 DE DEZEMBRO DE 1945

ANO I

MEU PRIMEIRO ARTIGO

Por Carmen Peres

Desde pequena aprendi a sofrer, e aprendi a lutar, seguindo o caminho que meu pai marcara a si mesmo: a conquista da liberdade.

Sentindo as mesmas idéias que éle sente, e animada pelo mesmo desejo de ver, num futuro próximo, uma Humanidade Livre e Feliz, tive, mais de vez, o desejo veemente de empunhar a pena para manifestar publicamente, e meu pensamento, e sempre faltava-me a necessária coragem.

Vou dar hoje, o primeiro passo, confiando que os companheiros que lerem o meu artigo, sejam tolerantes, perdoadando os erros que por ventura existam, erros estes, que com o seu concurso sincero procurarei corrigir de futuro.

Como companheira quero prestar o meu concurso ao nosso querido semanário, e quero prestar-lhe porque amo profundamente a liberdade e em defesa dessa liberdade não devemos medir sacrifícios.

Neste momento crítico para a Humanidade, urge combater um dos maiores perigos para a paz e a felicidade dos povos, e este perigo é a brutal tirania que impera na Península Ibérica, cujos habitantes vivem oprimidos pelas ditaduras do fatídico Franco e de seu incondicional aliado Oliveira Salazar.

Urge, também, estar alerta contra novos fascismos que podem surgir como consequência da própria guerra, pois já existem vestígios na própria América, com as ditaduras de Perón, na Argentina, e de Morinigo, no Paraguai.

Sei que a luta será dura, mas venceremos porque a Humanidade tem o

direito de ser livre e essa liberdade há de chegar algum dia, como prêmio aos seus esforços e sacrifícios.

Eu amo profundamente a Espanha, fui criada nessa terra generosa, onde sofremos muito, e onde vivemos também momentos intensos de felicidade, pois durante a guerra, se é certo que houve fome, lágrimas e dores, não é menos certo, que durante três anos respiramos um ambiente de profunda liberdade.

E foi por amor a essa liberdade que, vencida a Catalunha, homens, mulheres e crianças atravessamos os Pireneus para buscar refúgio na França, pois era preferível o exílio e as amarguras do desterro a viver submetidos a tirania de Franco.

Neste meu primeiro artigo, eu envio um grande abraço aos lutadores da Espanha, esses bravos que gemem sob o terror franquista, animando-os, pois confio que está próximo o dia da sua libertação.

E com um viva a Liberdade, o meu fraternal abraço a todos os companheiros e companheiras do mundo.

Nota da Redação: — Com o coração comovido, publicamos o artigo dessa espanhola de 17 anos, filha de um dos heróicos apóstolos da emancipação humana. A família dessa garota é toda de libertários. O pai já sofreu 68 prisões e a mãe 8. Das três filhas, uma nasceu na França, outra na Espanha e a terceira em Lisboa, num sindicato operário, justamente na noite em que a polícia de Salazar assaltava o sindicato. O pai, um velhinho simples e bom, foi um dos defensores de Madrid e combateu os últimos combates na Catalunha. Conservam todos o mesmo ideal, por que lutaram e sofreram e guardam no coração um amor imenso pelos que sofrem, pelos párias da sociedade.

Amanhã

Desde a Revolução Francesa que se fala em democracia, em sufrágio universal, em soberania nacional. E até hoje esses fetiches políticos nem um benefício tem trazido ao povo, principalmente no sentido econômico. Continua a escravidão do operário, a um trabalho estenuante, cujo produto vai parar às mãos dos usurpadores do capital, e continua a sofrer a privação das suas liberdades essenciais à sua vida de trabalhador: a liberdade sindical, o direito de greve, o direito da livre manifestação do pensamento. Há certos períodos, não há dúvida, em alguns países, em que esses direitos são respeitados. Mas curtos períodos, e sucedidos, em geral, pela reação burguesa deles liquidadores.

No entanto, o povo trabalhador é a grande maioria, é a força incontestada da sociedade... E por que continua oprimido e explorado por uma pequena minoria? Pela ignorância? Não. É oprimido e é explorado, porque sofre ainda do atavismo ancestral. É ainda e continua a sê-lo o homem de rebanho, o idólatra, o escravo em procura de um senhor. Só a minoria consciente, uma pequena minoria, luta pela emancipação humana, pelas reivindicações proletárias, contra os opressores, contra os exploradores.

Um partido político não passa de um agrupamento com finalidade econômica. Os seus dirigentes lutam em benefício próprio, pelos lugares rendosos, por uma vida de parasitismo. E os seus carneiros de rebanho seguem os seus pastores, balando, balando... Vão votar!

É triste, mas, fatos são fatos. Para que tantos apóstolos semearam por todos os países da Terra a semente bendita da liberdade e da justiça? Para que tantos mártires ofereceram, em holocausto ao ideal, as suas vidas?

Explicação necessária

MOACIR CAMINHA

Ao atender ao convite da camarada Maria Iêda, para redator do seu semanário "REMODELAÇÕES", como um dos veteranos do movimento proletário no Brasil, combinamos fazer um jornal moderno, para o povo trabalhador, de crítica aos acontecimentos socio-políticos do momento, de combate às explorações das classes operárias pelos partidos burgueses e pseudo-proletários, de propagação dos ideais de emancipação humana. Fazer, enfim, um jornal atualista, atraente, que interessasse ao proletariado, à mocidade das escolas, aos intelectuais de mentalidade liberta de preconceitos.

"REMODELAÇÕES" não seria um órgão comunista libertário, mas sim de orientação comunista libertária, com programa que satisfizesse às condições atuais da sociedade brasileira, cujo proletariado, em sua maioria, está com a mentalidade atrofiada pela propaganda fascizante de uma ditadura mistificada e sem escrúpulo.

Tínhamos que enfrentar, também, um partido que se diz "do proletariado e do povo", o "comunismo" de Prestes, bem organizado, audacioso, sem nenhuma ética de ação.

De outro lado, o movimento libertário disperso, com método de ação antiquado, tendo perdido inúmeros companheiros que se bandearam para os "comunistas" de Prestes, porque lá, dizem eles, vêm ação, e entre nós só inatividade.

O período evolutivo atual é de ação trepidante, é de ação veloz como o pensamento, é do avião, do rádio, da bomba atômica. Nós, os libertários, não podemos agir como agíamos há quarenta anos atrás. Já se foi o tempo da espingarda de pedreira para os exércitos, e da fragata de vela para a marinha de guerra. E para nós, também, são ineficientes os piqueniques de propaganda, os grupos de afinidades... A propaganda anticlerical que se fazia, foi só em benefício das sociedades espíritas, dos cultos protestantes. Enquanto houver miséria

haverá igrejas, tabernas, lupanares e jogatina! Movimento social inorgânico é improdutivo. E perder energias inutilmente.

A sociedade é um superorganismo natural. Todo fenômeno social (econômico, familiar, jurídico, político) é orgânico, já surge organizado. O nosso movimento social deve, pois, ter a sua organização livre, sim, mas coesa, fortemente coesa, libérrima e consciente, mas responsável também...

E surgimos para isso. Para despertar consciências, para sacudir energias adormecidas, para travar o bom combate, sejam quais forem as consequências.

Quanto ao nome, "REMODELAÇÕES", significa remodelar a sociedade, de acordo com as nossas doutrinas, de acordo com os ensinamentos das ciências sociais. Exprime, pois, alguma coisa... E não é comum, e sóa forte... É um nome como outro qualquer. Não tem importância de maior. Já está conhecido. Deixemo-lo em paz.

Quanto aos anúncios, a diretora de "REMODELAÇÕES" precisa de dinheiro para mantê-lo. De muito dinheiro. As tipografias, hoje, cobram caro e o papel é caríssimo. E a tiragem do nosso semanário deve ser de 10.000 exemplares para ser remetido para todo o Brasil. Há necessidade de muito dinheiro e o anúncio ajuda muito... É um mal necessário. Faz mais mal ao ideal, todavia, cruzar os braços em vergonhosa inatividade, quando um inimigo perigoso como o "Partido Comunista" está se impondo aos operários. Deixemos, pois, de cuidar de "cousas" de somenos.

E travemos a férrea batalha pelo ideal! Que venham para a luta os "comandos" libertários! Evoquemos a sombra gloriosa de Bakunin, o gênio da destruição!

E auxiliemos a iniciativa grandiosa de Maria Iêda, a Louise Michel do Brasil.

Franco e Salazar

Não tenhamos ilusões: nenhum dos três senhores do mundo (Atlee, Truman e Etaline) fará qualquer sacrifício a favor de qualquer povo oprimido. Qualquer deles, como representante do imperialismo do seu país, só intervirá, ajudando o povo português e o povo espanhol, de acordo com as falsas promessas feitas em tempo de guerra e com fins militaristas, a libertar-se dos seus tiranos, se houvesse, na Ibéria, grupos financeiros suficientemente fortes, em oposição aos que apoiam Salazar e Franco, que lhes oferecerem vantagens materiais e, em tal caso, nada ganhariam com a troca portuguesa e espanhola.

Lembremo-nos de que, durante a guerra de Espanha, a própria Rússia só enviou aos republicanos espanhóis dois barcos com armas (por sinal, o pior que os russos tinham, aquilo que já lhes não servia), e estas mesmas só foram descarregadas no porto de Valência (como se prova com documentos publicados no recente livro de Abad Santillan, "La verdad sobre la guerra en España") depois de embolsado o capitão dos barcos da respectiva importância em ouro.

Por isso, não nos iludamos, camaradas: o problema de Portugal, como o de Espanha, não comporta nenhuma solução política pacífica, nem uma inesperável iteração de qualquer potência, mas apenas uma solução revolucionária, violenta, de armas nas mãos, dos próprios povos subjugados, queiram ou não Atlee, Truman e Etaline, os donos atuais do mundo. Em Portugal, como em Espanha, há, apesar das mais sangrentas perseguições do fascismo, boas reservas de forças de luta, que constituem a segura garantia de um breve triunfo daqueles povos sobre as hordas sinistras da reação.

Fiuza e Prestes

Fiuza foi a liquidação de Prestes. O "errado", desta vez, errou de mais. Errou apresentando um candidato burguês e errou ainda mais, indefensavelmente, dolosamente, apresentando, como candidato, um burguês típico; acusado documentariamente de aproveitador dos dinheiros públicos, dos dinheiros do povo, para si e para os seus apaniguados.

Nada temos com os outros candidatos. Os partidos que os apresentaram estavam dentro da sua lógica de classe. Tudo era burguês. Mas um partido que se diz "do proletariado e do povo", apresentar um burguês, além disso explorador dos trabalhadores da empresa que dirige, e desviador do dinheiro da empresa para os seus bolsos insaciáveis de gozador da vida.

"Eu sou igual a vocês", disse o truão candidato aos operários que o ouviam. Igual em que? Na vida airada das noitadas dos cassinos? Na mesa farta? Na residência faustosa? No cinismo?

Não. Fiuza não é igual a nenhum operário. É um "bacano". É um burguês típico.

Essas reservas são formadas pelo proletariado, inspirado e dirigido pelos nossos camaradas anarco-sindicalistas portugueses. Dão-nos essa certeza os jornais "A Batalha" e "O Libertário", órgãos, respectivamente, da Confederação Geral do Trabalho e da União Libertária Portuguesa; e "Tierra y Libertad" e "Solidaridad Obrera", portavozes da Federação Anarquista Ibérica e da Confederação Nacional do Trabalho Espanhola, poderosas organizações de combate, estreitamente unidas contra o salazarismo e o franquismo. A sua leitura não nos deixa dúvida de que o dia da libertação dos dois povos não está longe!

Camaradas Leitores!

"REMODELAÇÕES" é um jornal nosso e vosso, o primeiro que apareceu, após a noite de quinze anos de fascismo getuliano, em defesa das idéias libertárias. Se, como esperamos, posto que sois camaradas, desejais que ele viva e prospere, em proveito da difusão das nossas idéias, procurai, por todos os modos, torná-lo conhecido do maior número de camaradas, amigos e simpatizantes das idéias que nos são comuns. Não basta comprá-lo. É preciso interessar na sua leitura os vossos amigos e os vossos companheiros de trabalho, de luta e de direção. Começai por comprar dois, três, quatro ou mais exemplares de cada número e mandá-los pelo correio aos vossos amigos, convidando-os a adquiri-lo, de futuro.

Há muitos vendedores de jornais que, por fetichismo fascista ou comunista estalinista (o que é praticamente o mesmo) boicotam o nosso jornal, recusando-se a expô-lo nas bancas. Prestar-nos-eis uma valiosa colaboração, convencendo os jornaleiros a modificar a sua atitude; e se tal não conseguirdes, informando-nos do endereço e nome do dono da banca para que lhe demos aqui o merecido tratamento.

Procurem, aos sábados, REMODELAÇÕES nas bancas dos jornaleiros LEIAM "REMODELAÇÕES"

O QUE É O TURFE

Para os camaradas que desconhecem o turfe, explicamos aqui que turfe não é jogo, que nele não há jogo de azar.

É por meio das corridas de cavalos que se selecionam os cavalos da raça chamada "puro sangue inglês" e é por meio desses cavalos assim selecionados, escolhidos, que são melhorados os cavalos indígenas, criados à toa, nos campos. Pelo cruzamento do cavalo inglês com a égua indígena forma-se o cavalo mestiço, superior ao crioulo, ao indígena.

Apezar das estradas de ferro, do automóvel, do caminhão, ainda é útil o cavalo para o homem, principalmente nos sertões bravios.

O Brasil é muito grande. Sempre houve corridas de cavalos em todos os países, inclusive na Rússia. A aposta em corridas de cavalos é um esporte e não jogo de azar. É verdade que há exploração e roubo nos prados, mas de que não se aproveita o burguês para ganhar facilmente dinheiro?

Não estamos defendendo o turfe, mas simplesmente explicando o que ele é, e que não é das cousas piores de que devemos fugir.

Os programas de turfe que publicamos são pagos, servem para auxiliar a publicação do nosso semanário, "REMODELAÇÕES", que pre-

Volta ao antigo

Um jornal que por aí circula, dizendo-se defensor dos interesses dos trabalhadores, comentava, há dias, a ação de "REMODELAÇÕES", nestes termos: — "Volta-se aos tempos antigos, com o reaparecimento da propaganda libertária e anti-política. Oxalá que esta não venha perturbar, de novo, as massas operárias e causar, novamente, perturbações na vida econômica da Nação". Sim, "volta ao antigo", se volta ao antigo quer dizer volta à honradez, ao idealismo, à integridade das idéias, às condutas limpidas, e às intenções retas. Sim, "volta ao antigo", se por esta expressão se entende guerra aos ambiciosos, aos máis pastores eternos, aos gozadores egoístas e aos malandrins, que, depois de desprestigiarem as idéias com as suas vidas sujas, pretendem sujá-las, convertendo-as em bandeira enrugada, para, atrás desta, arrastar as massas para maré-las, como aos membros de um rebanho, contá-las e metê-las no palco ignóbil da política!

cisa, POR SEMANA, de cerca de Cr\$ 5.000,00, para as despesas de tipografia, papel e expedição por avião para todo o Brasil, fazendo uma tiragem de 10.000 exemplares. O anúncio ajuda muito a um periódico.

Lêro-lêro não adianta; a ação sim...